





# O CONHECER - ASSERTIVAS E PISTAS INDAGATIVAS DO PERCURSO

POR RICARDO CARVALHO

*A contemplação, mais que um dever, é uma obrigação.  
Ela representa nossa parcela de liberdade, em face do  
constrangimento das coisas e do império da necessidade.*

Jacob Burckhard

Falar sobre o Conhecimento impõe-nos a princípio uma tarefa rigorosa e árdua – reunir coragem para afastar-nos do fácil, doce e perigoso “terreno do conhecido”. Essa é, talvez, a mais ardilosa armadilha entre as limitações que conduzem à nossa ignorância. *Pari passu* nossa intolerância diante do estranho outro: o desconhecido, ou aquele/aquilo que desconhecemos.

Desconfiamos, não sem razão, para nos defendermos diante do que é desconhecido – que nos ameaça – ou daquilo que não nos interessa conhecer. A boa notícia é que carregamos atavicamente a curiosidade infantil que nos é inata. No entanto, essa curiosidade, que é a manifestação de nosso “instinto epistemológico” (do grego, ciência, conhecimento), tão caro a Freud, encontra na cultura civilizatória reais dificuldades para se exprimir. O medo de não saber, se perguntado sobre algo (que se suporia “dever saber”), assim como se colocar



numa posição de “pseudo-saber” (fingimos que sabemos), são algumas das dificuldades, maiores ainda, paradoxalmente que pareça, numa instituição de aprendizagem. Como se aprender e conhecer tivessem se dissociado no decorrer do avanço do processo civilizatório.

Ao homem, saindo do limiar da noite da história, coube sempre dar asas ao seu “desejo de saber”.

### **NESSE VAI E VEM CONQUISTADOR- CONQUISTADO, O PREÇO A PAGAR FOI A PERDA DOS DESAFIOS PARA SE CONHECER CADA VEZ MAIS E TENTAR ENCONTRAR O TESOURO DO AUTOCONHECIMENTO.**

Em outros termos, enfrentar o desconhecido, decifrá-lo, transpondo enigmas e construindo ao longo do tempo a cultura, e com ela, o mal-estar necessário, preço pago ao processo civilizatório. Neste vai e vem conquistador-conquistado, o preço a pagar foi a perda dos desafios para se conhecer cada vez mais e tentar encontrar o tesouro do autoconhecimento. Será que perdemos nesta busca nossa curiosidade humilde? E a reboque, certa capacidade generosa conosco e com o outro, para trazer à tona o que encontramos pelo caminho? Perdemos o entusiasmo generoso presente nos/dos artistas, repletos de sonhos a explicitar o sabido e o muito do que ainda não sabem(os). Gesto de abertura, generoso e didático, mas que expõe limites. No caso, ter a coragem (“ação do coração”) para ultrapassar a barreira da repressão cultural que barra o desejo (de saber do desejo) e nos impulsiona diante da saga ao desconhecido.

Marcamos aqui a importância da concepção de um fato simbólico como papel central na dramática humana: o acesso à linguagem que é dado pela perda da onipotência – consequência inarredável de nossa incompletude. Aquilo que “perdemos”, como o desejo de tudo ter – como sabemos,

não se pode ter tudo – é, portanto, recalcado no inconsciente e laboriosamente transformado em linguagem, terreno de entendimento, conhecimento civilizacional.

Portanto, a busca do conhecimento traz em si, no próprio percurso, os desafios inerentes à expressão daquilo que foi recalcado/reprimido:

- 1| O desafio de fazer um esforço para desenvolver uma disposição psíquica reflexiva. Um trabalho sobre “o si mesmo” se impõe. É preciso trabalhar sobre si mesmo, “elaborar” continuamente.
- 2| O desafio de aceitar que não sabemos (nem completamente de nós mesmos, já que o inconsciente atesta esta relação, estranha e familiar ao mesmo tempo).
- 3| “Conhecer” é admitir esta ignorância e sofrer este desconhecer.
- 4| Aceitar que não existe conhecimento sem desejo.
- 5| Ser generoso com o que se sabe, procurando partilhar sempre e ser humilde com o que se quer conhecer.
- 6| O desafio de aceitar que não existe conhecimento sem o Outro.

Este último, e talvez mais importante, corolário nos faz pensar o Conhecimento a partir da seguinte formulação:

#### **CONHECER = COM + É + SER**

onde

**COM = CUM** = prefixo latino que traz a idéia de  
**É** = designativo de existência. Ser algo.

**SER** = o ser da existência, aquele que é.

Quando falamos em Conhecer, podemos fazer uma “escuta” em que este conhecimento só pode ser realizado na dialogia “sujeito-outro”. COM É SER, isto é, o conhecer só se dá na medida de nossa



relação com o outro. O primeiro passo é reconhecer o outro como diferido de nós, diverso, inteiramente outro. Senão corremos o risco de assimilá-lo ao nosso conhecer. É o “Com-viver”.

Não é por acaso que, hoje, tanto a academia como as escolas de negócios e as Universidades Cooperativas desenvolvem estudos sobre o “Comunicar”, os chamados Novos Sistemas Linguageiros e Conversacionais, movimentos conversacionais como o *Living Dialogue* e a Gestão de Narrativas.

Assistimos hoje a um esvaziamento da linguagem, num mundo onde o sistema conceitual e nosso inconsciente se organizam metaforicamente. Existe o Contemporâneo sem o Conceito? Paradoxo. Não dá para prescindir da metáfora. Ora, o ato de conhecer, passa nos humanos, sem dúvida, pela linguagem como *noyau dur* (elemento essencial) do conhecimento.

Qual o cenário que vislumbramos? Vemos empresas mundiais buscando recuperar o “estado da arte” dos movimentos de significação (fóruns, seminários, redes informais, etc.) para além dos códigos formalizadores de aprendizagem. São contratados “Ativistas do Conhecimento”, como no caso Shell e Siemens, com uma abordagem diferente, nas “Cidades Hospedeiras do Conhecimento” (Xênia), utilizando a construção de roteiros (*storieslines*), para criar uma visão de futuro e seu reposicionamento no mercado.

Recorremos, mais uma vez, a Freud, quando nos adverte sobre as diversas lógicas do aprender. Há lógicas mais didáticas que outras, ou mais eficientes para produzir certos efeitos e não outros, dependendo do público, na ilusão de que é possível “cientificamente” controlar os efeitos da fala, do linguajar. Ora, a relação ensino-aprendizagem depende, mais do que podemos imaginar, do desejo daquele que ensina ou propõe o caminho (método) do conhecer. Eis a questão: o que é aquilo que

escapa à simples observação e que, no entanto, anima a fala do professor, aquele que ensina? Aquele que professa pode-se considerar feliz se despertou o “instinto epistemofílico”, que equivale à construção, no ensinar, do “desejo de saber” naquele que está lá para aprender, valorizando, na experiência dialógica, o ensinamento.

## COM É SER, ISTO É, O CONHECER SÓ SE DÁ NA MEDIDA DE NOSSA RELAÇÃO COM O OUTRO.

O certo é que pouco se avançou sobre a importância do afeto no processo de conhecimento. O “deixar-se afetar”, se contagiar; logo, estamos falando do amor-desejo como condição para o ato de conhecimento. Amar aquilo e aquele que não sabe – eis o primeiro ensinamento-mestre. Medida (o métron grego) do conhecimento como Amor-desejo. Como sabemos, o desejo só surge na medida em que deixamos de COM-siderar, ou seja, quando deixamos de literalmente pensar com as estrelas; só nesta renúncia, alçamos a liberdade do desejo – que em latim *desiderare* significa a falta das estrelas. Como as estrelas têm luz própria, não precisam ser completadas com a luz do outro.

Tentamos ser estrelas, mas não somos, e mesmo com todos os aparelhos disponíveis, precisamos do outro. Estamos sozinhos e faltosos. Mas por isso mesmo, e de forma paradoxal, desejamos esta falta, que é a marca da nossa busca de conhecimento. Todos nós queremos saber da origem sobre nós mesmos: querer saber de quê? Do desejo de saber... as questões fundamentais da civilização helenística: quem sou eu, de onde vim e para onde vou? Sem saber quem sou eu, qual a minha origem, não posso nem determinar para onde vou. Neste caso, não há visão de futuro que se sustente.

Guardamos como segredo particular aquilo que sabemos, tanto por ignorância e medo da crítica ao se expor, como também por egoísmo, para possuir o saber de forma privada, como se possui um bem particular – o conhecimento de cada um é produto do esforço coletivo da humanidade e cada um de nós o porta como legado. Desta forma, não chegaremos nunca à sabedoria, que como nos ensina Tales de Mileto está contida numa Taça Sagrada que deve sempre, em sua circulação contínua e ininterrupta, ser usufruída pela roda humana. A Taça da Sabedoria não deve jamais parar de circular entre os homens, pois, se isto acontecer, a sabedoria se esvai e com ela o “Com é Ser” (o conhecer produzido na relação com o outro). A circulação do conhecimento consiste no desapego que possibilita a partilha, caso contrário o conhecimento deixa de existir, se cristalizando na posse de apenas um. E a solidão se instala entre os homens...

Na nossa hoje complexa Sociedade do Conhecimento, vemo-nos diante do grande risco de fazer equivaler e, assim, confundir Informação e Saber – a informação como um tipo “saber-poder” sobre o tudo, onde não haveria lugar para a dúvida. Ilusões do contemporâneo, porque, como sabemos, o ato de conhecer se passa, sempre, sobre um fundo de perturbação, inquietude e desassossego. Certa angústia é necessária – a angústia da existência.

Retomamos aqui a citação sobre o ato contemplativo como “obrigatório dever”. Quando desenvolvemos nossa capacidade reflexiva, afastamos-nos do concreto imediato para “contemplar” a nossa própria idéia. Neste momento, sentimos imenso prazer ao eleger uma afinidade intelectual – o prazer sublime contido no trabalho dos pensadores e artistas. É esta a liberdade que sentimos quando o pensamento “voa” longe, naquilo que foi escolhido como “objeto” de conhecimento. Aí trabalhamos com a inteligência (palavra que vem do latim *elegere* e significa a escolha de algo para refletir). É nessa eleição do objeto de conhecimento que refletimos, criamos atributos, significações e produzimos verdades.

Nunca abandonamos completamente a fase infantil dos “por quês”. Na verdade, somos investigadores natos, ávidos por conhecer, desvendar como Sherlock Holmes as pistas na estrada do “des-

conhecido”. E não cessamos nunca nossa investigação, pois uma resposta leva a outra dúvida e, aqui, recorro a Sócrates, que se dizia parteiro em Atenas, pois o que fazia era simplesmente dar à luz ao conhecimento (já) existente no sujeito.

Conhecer significa se autorizar a celebrar os sentidos para gostar de conhecer pelo “sabor do saber”. Recuperando o sabor (*saveur*) que origina o saber (*savoir*), suportando as ambigüidades e incertezas (sinal incontestado de inteligência) do horizonte que, como sabemos, recua à medida que avançamos em sua direção. É o sem-lugar da utopia. Assim, talvez estejamos aptos a compreender o verdadeiro enigma do conhecimento diante do imperativo categórico de Delfos: *Conheça-te a ti mesmo!*

Mas como todo início de século é remissão, conclamo aqui a recuperar os enigmas nas “Passagens” – já na alegórica ordem do indizível, como Baudelaire nos sugere:

*“Ao fundo do desconhecido para encontrar o novo”.*

(Expressão de Baudelaire, sentindo o Spleen de Paris, citada em Passagens, de Walter Benjamin, Editora UFMG-2006).

**RICARDO CARVALHO** é professor da Fundação Dom Cabral, doutor em Sociologia pela Sorbonne-Paris 7 e Mestre em Psicologia do Trabalho pelo CNAM/Paris.

Artigo resultante de um “movimento conversacional” coordenado pelo autor em Fórum de Aprendizagem, organizado internamente pela FDC, com o tema Gestão do Conhecimento.

## PARA SE APROFUNDAR NO TEMA

CHUN, Wei Choo. "A Organização do Conhecimento".

FREUD, S. "O Mal Estar da Civilização".

MONTAIGNE, M. "Les Essais".

PLATÃO. "Diálogos".

RUSSEL, B. "Elogio ao Ócio".